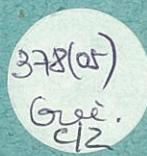
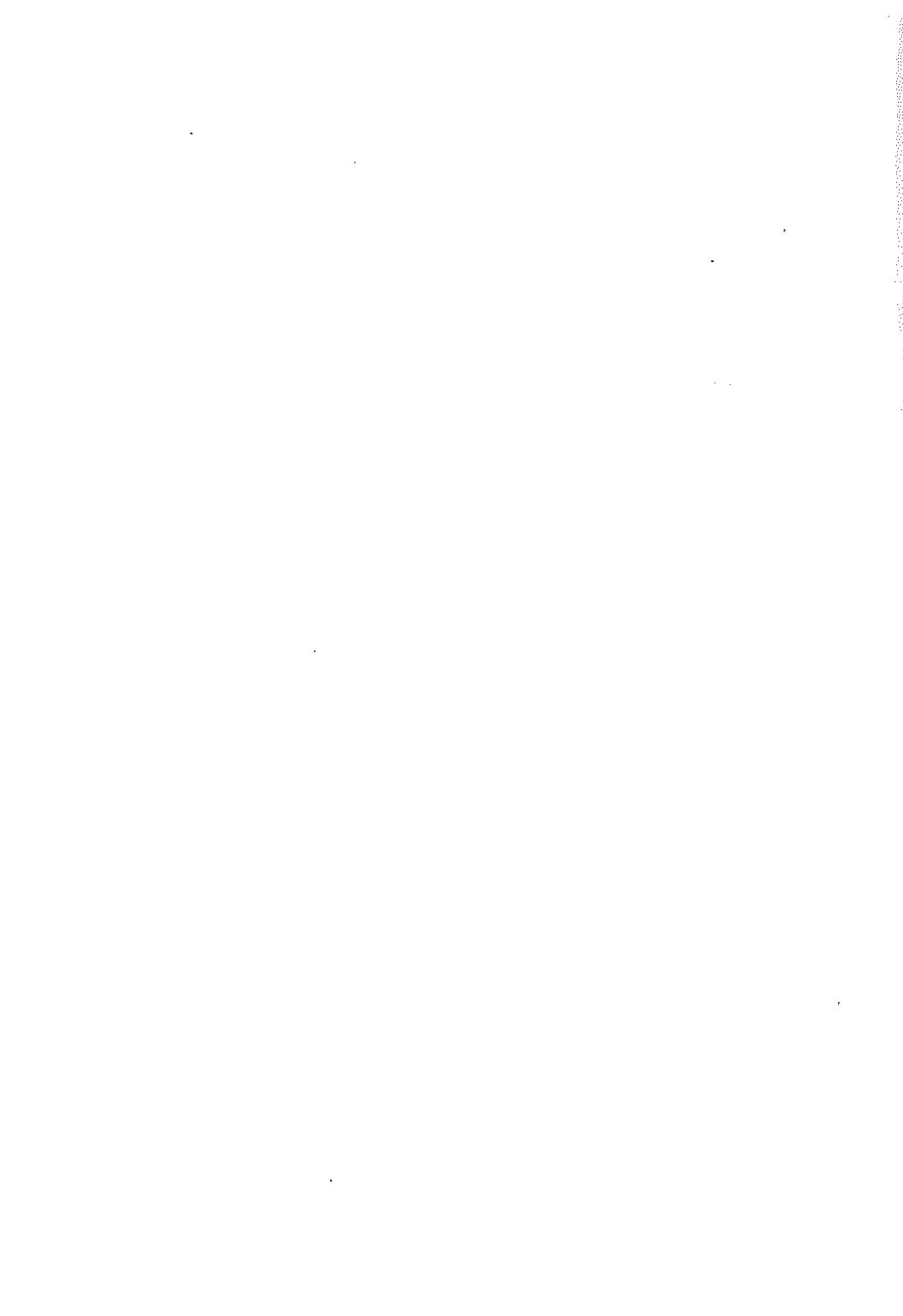


**gui a do
estudan
te da fa
culdade
de letras
do porto**

HISTORIA - 2º Ano

1989/1990





FACULDADE DE LETRAS
da
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

X



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1989 / 90

378 (05)
Gee:

Guia do Estudante da FLUP . HIST : 2º Ano

Porto: Conselho Directivo da FLUP.

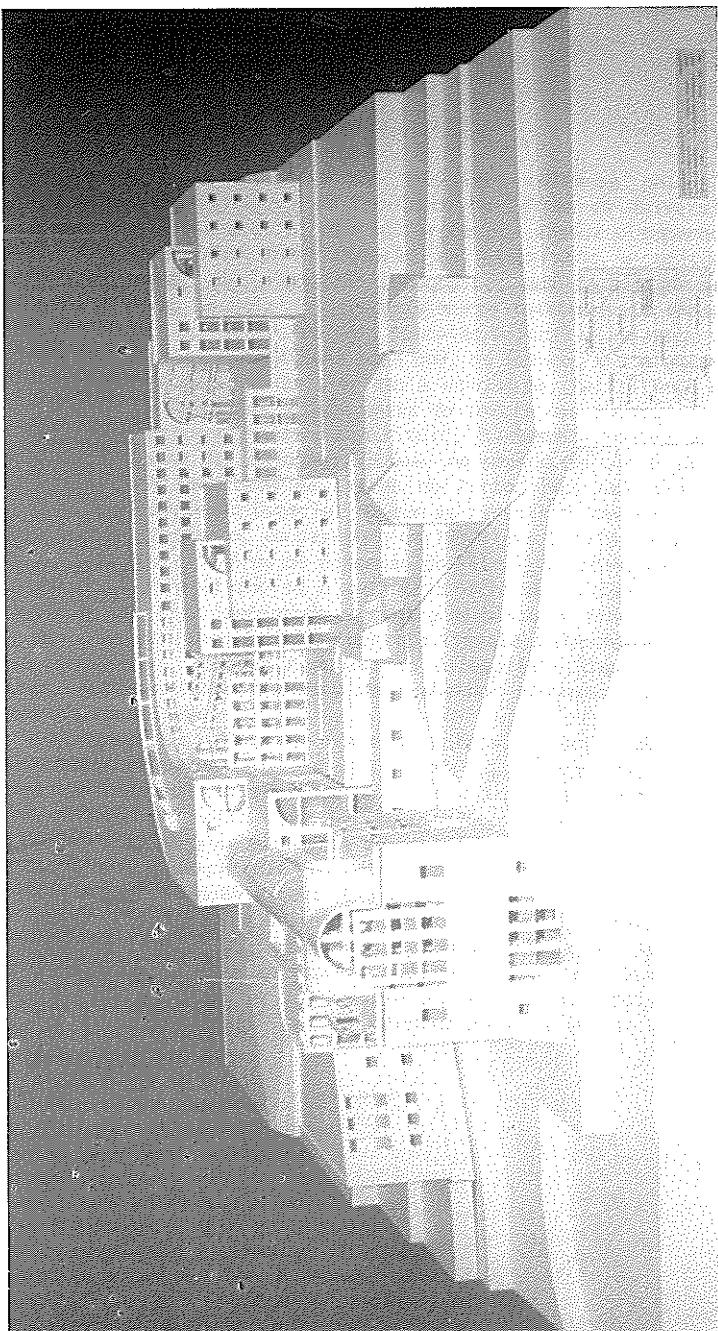
Vol. 10, 1989-1990

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 200 expl.



Maquete das futuras instalações da Faculdade de Letras
(em construção)

GUIA DO ESTUDANTE - 1989

INTRODUÇÃO

No presente ano lectivo de 1989-1990 edita-se pela 10^a vez consecutiva o Guia do Estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Importa assinalar a data, não só porque ela traduz o empenho que os sucessivos Conselhos Directivos puseram na elaboração e edição deste importante instrumento de informação pedagógica, mas também porque, pela primeira vez, o texto do Guia do Estudante surge totalmente informatizado, mercê de um trabalho levado a cabo pelo Conselho Directivo ao longo de 1989. Ficam, deste modo, criadas condições para que, no futuro, a sua actualização se processe de forma cada vez mais eficaz e económica, facilitando ao mesmo tempo a sua difusão junto dos alunos antes do início das aulas.

O Guia do Estudante deve constituir, fundamentalmente, um apoio à orientação do trabalho dos estudantes; mas, na medida em que é já parte da história recente da Faculdade de Letras do Porto, não pode deixar de se registar nele o significado especial de que se reveste o momento presente da vida desta escola. De facto, em Dezembro de 1988 teve início a construção do novo edifício da FLUP, na Área de Expansão do Pólo 3 da Universidade. No dia 16 de Junho de 1989 realizou-se a cerimónia oficial de lançamento da sua primeira pedra, que fica implantada no centro do bloco destinado à Biblioteca Central, simbolizando, assim, tudo quanto o livro e o documento representam para uma escola das ciências humanas, da filosofia e das línguas. Desta maneira se coroa um longo processo de trabalhos preparatórios efectuados pacientemente desde 1980.

Mas também em 1989 a Faculdade de Letras passou a ocupar um lugar cimeiro no quadro das instituições universitárias portuguesas, ao tornar-se a primeira Faculdade da Universidade do Porto a dispor de uma ligação à rede "Porbase", o que lhe permite trabalhar em linha com a Biblioteca Nacional de Lisboa, tanto para pesquisa por parte dos utentes, como para carregamento de dados pelos serviços competentes da Biblioteca Central.

Finalmente, 1988-89 fica também assinalado como o ano lectivo em que se aprovaram os Estatutos da Universidade do Porto e se elaboraram os desta sua Faculdade de Letras, por forma a que pudessem vir a ser aprovados pela assembleia competente, o que se espera aconteça antes do fim de Dezembro. Com eles poderá, com certeza, a escola exercer de maneira mais adequada a autonomia possível no quadro das instituições universitárias.

O Guia do Estudante pretende ser fundamentalmente um instrumento útil aos estudantes da Faculdade, pelo que as informações de natureza académica e social devem ser procuradas no folheto Instruções Úteis aos Alunos que a Reitoria da Universidade do Porto distribui gratuitamente no início do ano lectivo.

No quadro da Lei de Autonomia das Universidades e dos Estatutos elaborados pela Universidade do Porto, e de acordo também com a Lei Orgânica desta, e com o projecto dos seus próprios Estatutos, a Faculdade de Letras passa a estruturar-se do seguinte modo:

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2^a a 6^a feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso
"de venda de selos fiscais.

Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 16H30

Encerra ao Sábado.

C Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);

na Sala de Obras de Referência (livre acesso);

b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

a) Onomástico

b) Didascálico

c) CDU (Classificação Decimal Universal)

c) Cardex (Publicações Periódicas)

d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos).

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1. Dígite: GEAC.

2. Carregue tecla ENTER.

3. Dígite: CAT.

4. Siga as instruções que aparecem no ecrã.

5. Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, encyclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 18H00
Sábado: 9H00 - 11H30.

5. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

6. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente às obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)

Anexos do Boletim:

I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)
II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)

"Reservados" da Biblioteca Central, Porto, 1989.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia

Sala Francesa

- " Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa

" de História Moderna
" de História Medieval
Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H30
Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desimpedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:
2^a a 6^a feira 7H30 23H00
Sábados 7H30 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

Curriculos em vigor em 1989/90:

1^a, 2^a e 3^a anos - Port. nº 850/87

4^a ano - Dec. nº 53/78

4^a ano de Sociologia: Port. nº 352-C/85

4^a ano de Est. Portugueses (LLM): Dec. do Gov. nº 75/84.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3^º ano).

b) Tradução (Port/Ingl; Port/Franc; Port/Alem) - Portaria nº 850/87 (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Arqueologia (proposto)

Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Bibliotecas e Arquivos (edição de novo Curso em 1989/90)

c) Curso de Conservador de Museu (proposto).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em Julho).

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;

b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação à Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa à Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de: "Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
e

"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port/Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas:

2/3 das aulas teóricas

50% das aulas práticas;

c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º ano (Port. 850/87):

a) Possibilidades:

Português-Inglês

Português-Alemão

Português-Francês.

Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do Curso de Tradução nas restantes combinatórias de LLM (Inglês/Alemão; Inglês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária aprovação superior.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Matrículas e/ou inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Permutas: só no ingresso ela 1^a vez no Ensino Superior.

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congéneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 7.6.89)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 21º do Decreto Lei nº 781 A/76, de 28 de Outubro, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidas pela Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 7/6/89 as Normas de avaliação de conhecimentos para o ano lectivo de 1989-90.

As normas agora propostas introduzem não só modificações em alguns artigos (cf. os novos artigos 1º, 2º, 3º, 5º, 10º, 11º, 12º, 13º, 15º, 16º, 20º e 22º), como também algumas recomendações apresentadas sob a forma de Observações Finais às avaliações contínua e periódica. Suprimem os antigos artigos 29º e 33º e dispõem de forma mais clara esclarecimentos sobre melhoria de nota e épocas de exames de recurso e especial que se encontravam dispersos ou omissos (cf. Esclarecimentos sobre a avaliação final). Chama-se a atenção para as alterações significativas introduzidas pela nova redacção dos artigos 1º e 11º.

Relativamente a alterações de fundo que alguns membros do Conselho Pedagógico gostariam de ter visto aprovadas, optou-se pela divulgação à escola em documento próprio, para que sirvam de ponto de partida para uma reflexão mais geral sobre a matéria pedagógica. Para a actual redacção das Normas de avaliação foram ouvidas comissões pedagógicas dos cursos e em certos casos atendeu-se a sugestões que vários docentes resolveram por bem dirigir ao Conselho Pedagógico no princípio do ano lectivo de 1988/89.

Subjacente à elaboração das presentes Normas de avaliação esteve o desejo por parte dos membros do Conselho Pedagógico de incrementar a avaliação periódica e contínua, de consagrar a importância dos trabalhos individuais e de grupo e de acentuar a importância do contacto directo e pessoal entre professor e aluno.

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admitem-se três modalidades de avaliação:

- I - Avaliação contínua.
- II - Avaliação periódica.
- III - Avaliação final.

§ Único - Poderá existir uma combinação da avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá

o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, individuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tornado claro pelo docente.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação.

§ 2º - Os docentes deverão proceder à publicitação da classificação dos trabalhos de investigação.

§ 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, ele deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica.

§ 4º - Considera-se um trabalho de investigação escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeçam a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docentes e alunos.

Artº 4º - Reprovação em avaliação contínua e periódica.

Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

Artº 5º - Consulta da testes.

1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente.

2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias nos sentido de resolver a situação.

Artº 6º - Provas orais.

As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em

salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

Artº 7º - Notas quantitativas.

Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Artº 8º - Arredondamento de notas.

As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Artº 9º - Afixação das datas das provas.

As dadas das provas de avaliação periódica e final deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

CAPITULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 10º - Tipo de provas.

O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de prova, tais como trabalhos de investigação (individuais ou em grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais. Uma das provas terá de ser um teste em presença, realizado na própria aula.

§ Único - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

Artº 11º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar em simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Artº 12º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de

presença, sob a responsabilidade do docente.

§ Único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Artº 11º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art. 13º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento a disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência seja comunicada ao docente até à realização da primeira prova de avaliação periódica.

Artº 14º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua deverão, sempre que possível, não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 15º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Quaisquer outras provas - orais ou escritas - que venham a ser realizadas no âmbito da cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 16º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 17º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o «ábado» não deve ser considerado dia útil).

Artº 18º - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas das provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.

4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria denota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 19º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

Artº 20º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deve ser comunicada por escrito ao professor até à data da segunda prova de avaliação periódica.

Artº 21º - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16º, 17º e 18º na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos Leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de exames.

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

C - AVALIAÇÃO FINAL

Artº 22º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realizar-se de acordo com a estipulado no Art. 6º.

§ único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

Artº 23º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º.

Art. 24º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Artº 25º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Artº 23º.

Art.º 26º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Artº 27º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

A - MELHORIA DE NOTA

1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas Observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).

4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):

a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.

3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 16º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

Calendário das provas em 1989-1990
(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990

" " - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1990

Exame final - Época normal: de 2 a 18 de Julho de 1990 (provas escritas)

" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990
(provas escritas).

Ramo educacional:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990

" " - Segundas provas: 21 de Maio a 2 de Junho de 1990

Exame final - Época normal: 11 de Junho a 7 de Julho (corais inclusive)

" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990 (provas escritas)

Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):

Séries de História, 1984/85/86/87/88

Filosofia, 1985 (2 números)/86/87

Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)

Anexos desta série:

I - Problemativas em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987

II - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988

III - Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (6-7 de Outubro de 1988), Porto, Instituto de Estudos Germanísticos (no prelo)

Geografia, 1985/86/87

Revista de História (Ed. do Centro de História, 1978 ss.. Em 1979/80 publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna")

Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1983/84 publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")

Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Institutos de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central, 1919-1928, Porto, 1989

Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1989-1990. Mas para se ter uma ideia aproximada da dimensão da escola, no plano pedagógico, basta notar que os programas desenvolvidos nos cinco cursos de licenciatura e nos cursos do ramo educacional e de tradução se situam na ordem das duas centenas, para 1989-90.

Convém esclarecer que, não se aplicando ao ensino universitário o conceito de "livro obrigatório", as indicações constantes de algumas bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1989

O Conselho Directivo

PROGRAMAS

Nota: Em virtude de o tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontrar-se-ão algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.

Docentes: Prof. Doutor Armindo de Sousa
Dr. Luís Miguel Duarte

1. Cultura e Mentalidade: conceitos e teorias.
2. Antiguidade Tardia: valores e crenças em conflito (do "Discurso Verdadeiro" à "Cidade de Deus").
3. Atitudes colectivas e especificidades culturais da Alta Idade Média (de S. Bento ao Ano Mil).
4. Baixa Idade Média (sécs. XI a XIV).
 - 4.1. Ideologias e utopias.
 - 4.2. Universidade, escolas, palácios, feiras e peregrinações (os centros produtores e difusores de cultura).
 - 4.3. Nobres, clérigos e mercadores (imagens e esterótipos - estatutos e papéis).
 - 4.4. Sensibilidades e sentimentos: amor e morte, belo e feio, quotidiano e maravilhoso, santo e diabólico.
5. Conclusão: a ideia de Europa.

BIBLIOGRAFIA GERAL

A combinar com os docentes de História Económica e Social visto tratar-se de bibliografia de leitura obrigatória no âmbito das duas disciplinas.

BIBLIOGRAFIA ESPECIAL

A consulta no Livro de Sumários desta cadeira.

HISTÓRIA DE ARTE MEDIEVAL GERAL

Docentes: Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida
Dr^a Lúcia Maria Cardoso Rosas

1. Opções temáticas, diacrónicas e diatópicas para o curso.
- 1.1. Metodologias.
2. Arte paleo-cristã.
- 2.1. Arquitectura.
- 2.2. Escultura, mosaico e pintura.
3. Arte bizantina.
- 3.1. Arquitectura.
- 3.2. Mosaico e pintura.
4. Arte carolíngia
- 4.1. Arquitectura.
- 4.2. Iluminura e toréutica.
5. Arte românica.
- 5.1. Arquitectura.
- 5.2. Escultura.
- 5.3. Pintura, Iluminura e ourivesaria.
6. Arte gótica.
- 6.1. Arquitectura.
- 6.2. Escultura.
- 6.3. Pintura, iluminura, ourivesaria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CROZET, René - L'art roman, Paris, P.U.F., 1962
- DUBY, Georges - O tempo das catedrais - A arte e a sociedade (980-1420), Lisboa, Estampa, 1979
- ERLANDE, Brandenburg, Alain - Le monde gothique - 1260 - 1380. La conquête de l'Europe, Paris, Gallimard, 1982
- FOCILLON, Henri - Arte do Ocidente. A Idade Média romântica e gótica, Lisboa, Estampa, 1980
- GRABAR, André - L'age d'or de Justinien, Paris, Gallimard, 1966
- "- Le premier art chrétien - 200-395, Paris, Gallimard, 1966
- GRODECCKI, Louis - Architecture gothique, Paris, 1979
- HEITZ, Carl - L'architecture religieuse carolingienne, Picard, 1980
- KUBACH, Erich; BLOCH, Peter - L'art roman de ses débuts à son apogée, Paris, Albin Michel, 1960

Docentes: Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida
Dr^a Lúcia Maria Cardoso Rosas

1. Opção temáticas, diacrónicas e diatópicas para o curso.
- 1.1. Metodologias.
2. Arte paleo-cristã e visigótica
- 2.1. Arquitectura.
- 2.2. Mosaico e ourivesaria.
3. Arte árabe em Portugal.
- 3.1. Arquitectura.
- 3.2. Marfins e cerâmica.
4. Arte moçárabe e da reconquista.
- 4.1. Arquitectura.
- 4.2. Escultura, iluminura e outras artes.
5. Arte românica
- 5.1. Arquitectura.
- 5.2. Escultura.
- 5.3. Pintura, iluminura e ourivesaria.
6. Arte gótica.
- 6.1. Arquitectura.
- 6.2. Escultura.
- 6.3. Pintura, iluminura e ourivesaria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - Arte da Alta Idade Média, "História de Arte", vol. II, Lisboa, P. Alfa, 1988
"- Arte românica, "História de Arte", vol. III, Lisboa, P. Alfa, 1988
- ALMEIDA, Fernando de - Arte visigótica em Portugal, Lisboa, 1962
- BONET-CORREA, Antonio - Arte pre-românico asturiano, Barcelona, 1967
- CAMÓN AZNAR, José - Arquitectura española del siglo X. Mozárabe y de la Repoblación, "Goya", nº 52, Madrid, 1963, pp. 206-221
- CAMPOS CAZORLA, E. - El Arte Hispanovisigodo, "Historia de España", dir. de Menéndez Pidal, t. III, Madrid, 1963
- CHICÓ, M. T. - Arquitectura gótica em Portugal, Lisboa, Horizonte, 1978
- COUTINHO, João de Moura - S. Frutuoso de Montélios, Braga, Aspa, 1978
- DIAS, Pedro - Arte gótica, "História de Arte Alfa", vol. IV, Lisboa, Alfa, 1987

- DUVAL, M. Les basiliques de Sbeitla à deux sanctuaires opposés. Les églises africaines à deux absides..., 2 vol., Paris, 1971-73
- EWERT, Christian - La mezquita de Mértola (Portugal), "Cuadernos de Alhambra", nº 9, Granada, 1965, pp. 3-36
- FERNANDEZ ARENAS, José - La arquitectura Mozarabe, Barcelona, 1972
- FONTAINE, J. - L'art monzárabe, Zodiaque, 1977
- "- L'art pré-roman hispanique, 2 vol., Zodiaque, 1973
- GUSMÃO, Artur Nobre de - A arquitectura Borgonhesa e os mosteiros de cister em Portugal
- LACERDA, Aarão - História da arte em Portugal, vol. I, Porto, 1942
- MARÇAIS, Georges - L'art musulman, Paris, Quadrige, 1982
- MONTEIRO, Manuel - Dispersos I. Aspre, Braga, 1980
- NUNÉZ, Manuel - Historia da arquitectura galega. Arquitectura prermánica, Compostela, 1978
- PALOL, Pedro de - Arqueología Cristiana de la España romana. Siglos IV-IV, Madrid, 1967
- "- Arte paleocristiano en España, Barcelona, s.d.
- PESSANHA, D. José - Arquitectura pré-românica em Portugal. São Pedro de Balsemão e S. Pedro de Lourosa, Coimbra, 1927
- SANTOS, Reinaldo dos - Do Românico em Portugal, Sol, 1956
- SCHLUNK, H. - Arte visigodo, in "Ars Hispanialis", II, Madrid, 1947
- "- La iglesia de São Gião de Nazaré. Contribución al estudio de la influencia de la liturgia en la arquitectura de las iglesias de la Península Iberica, in "Actas do II Congresso Nacional de Arqueología", Coimbra, 1971, pp. 509-528
- AA. VV. - Portugal roman, 2 vol., Zodique, 1987
- YARZA, Joaquim - Historia del arte hispánico. La Edad Media, Alhambra, 1980

HISTÓRIA MEDIEVAL DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno
Drª Maria Fernanda Mendes F. Santos

I.

1. Formação política de Portugal (sécs. XII-XIII).

2. As estruturas de base: demografia, economia e sociedade (sécs. XII-XIV).

3. Poder central e poder local (estado, senhorio e municipalismo).

II.

4. A crise do século XIV (depressão demográfica, económica e social).

5. A revolução de 1383.

III.

6. Sintomas de recuperação da crise (séc. XV).

7. A regência do Infante D. Pedro: Alfarrobeira.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fortunato de - História da Igreja em Portugal, 2^a ed., vols. I e II, Livraria Civilização, 1967-1968

BARROS, Henrique da Gama - História da Administração Pública em Portugal nos Sécs. XII a XV, 2^a ed., 11 vols., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1945-1954.

CORTESÃO, Jaime - Os Factores Democráticos na Formação de Portugal, 2^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1966

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PORTUGAL, dirigido por Joel Serrão, 4 vols., Porto, Iniciativas Editoriais, 1961-1971 (reedições posteriores em 6 vols.)

GARCIA DE CORTAZAR, José Angel - "La Época Medieval", volume II de Historia de España Alfaguara, 8^a ed., Madrid Alianza Editorial, 1981

HERCULANO, Alexandre - História de Portugal desde o Começo da Monarquia até ao fim do Reinado de Afonso III, com prefácio e notas críticas de José Mattoso, 4 vols., Lisboa, Livraria Bertrand, 1980-1981

HISTÓRIA DE PORTUGAL, dirigida por Damião Peres, vols. I a IV, Barcelos, Portucalense Editora, 1928-1932

MARQUES, A. M. de Oliveira - Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa, 2^a ed., Lisboa, Ed. Estampa, 1979

- História de Portugal, vol. I ed., Lisboa, Palas Editores, 1982

"- Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV in "Nova História de Portugal", vol. IV, ed., Proença, Lisboa, 1987

MATTOSO, José Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal, 1096-1325, 2 vols., Lisboa, ed. Estampa, 1985
MORENO, Humberto Baquero A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e Significado Histórico, 2 vols., Coimbra, 1979-1980
"- Marginalidade e Conflitos Sociais em Portugal nos Séculos XIV e XV. Estudos de História, Lisboa, ed. Presença, 1985
"- Os Municípios portugueses nos Séculos XIII a XVI. Estudos de História, Lisboa, ed. Presença, 1986
RIBEIRO, Orlando - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de Relações Geográficas, 3^a ed. revista e actualizada, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1967

Nota: A indicação de bibliografia específica para cada ponto da matéria será feita ao longo do ano lectivo.

PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA

Docentes: Prof. Doutor José Marques
Drº Mº Cristina A. Cunha

1. Conceito e objecto tradicionais da Paleografia. A proposta de Jean Mallon: virtualidades e limitações. Paleografia latina. Relações com a Epigrafia, Numismática e Sigilografia. Âmbito cronológico do curso.
2. Origem e evolução do alfabeto latino. Da minúscula arcaica à constituição das escritas nacionais insulares e continentais.
3. Matéria e instrumentos da escrita. Forma dos manuscritos. Códices e codicologia.
4. Sistemas braquigráficos.
5. Escritas: visigótica (livraria e cursiva), carolina, minúscula diplomática, gótica (dos códices e cursiva), humanística, cortesã, processada e encadeada. Questões de nomenclatura e propostas de normalização.
6. Normas de transcrição dos documentos. Elaboração de sumários e índices.
7. Conceito de Diplomática. Actos jurídicos e actos escritos. Sua classificação. Génese e transmissão dos documentos.
8. Estrutura dos documentos e formas de datação e validação.
9. Crá diplomática.
10. Noções fundamentais de silografia.

N.B. À semelhança dos anos anteriores, o curso será eminentemente teórico-prático, sendo, por isso, da máxima importância a assistência às aulas.

Além do contacto com abundantes reproduções documentais, realizar-se-ão visitas de estudo a diversos arquivos da cidade e de outras localidades.

Cada aluno terá de executar um trabalho prático sob orientação do professor.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Rui de - Documentos medievais portugueses. I. Documentos régios, Lisboa, 1958 (Introdução).
- "- Estudos de Diplomática Portuguesa, in "Revista da Universidade de Coimbra", Vol. 14, pp. 31-80
- BASCAPÉ, Giacomo C. - Sigillografia II sigillo nella Diplomatica, nel Diritto, nella Storia, nell'Arte, 2 vols., Milano, 1969

- BATTELI, Giulio - Lezioni di Paleografia, 3^a ed., Città del Vaticano, 1949
- CAPPELLI, Adriano - Dizionario di abbreviature latine ed italiane, 6^a ed. (anastática), Milano, 1967
- CENCETTI, Giorgio - Lineamenti di Storia della scriptura latina, Bologna, Casa Editrice Prof. Ricardo Patron, 1954
- "- Paleografia latina, Roma, Jouvance, 1978
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus - Album de Paleografia e Diplomática portuguesas, 4^a ed., Coimbra, 1983
- "- La chancellerie royale portugaise jusqu'au milieu du XIII^e siècle, in "Revista Portuguesa de História", Coimbra, 15, 1975, pp. 143-169
- "- Normas de transcrição e publicação de documentos medievais e modernos, 2^a ed., Braga, 1982
- CRUZ, António - Observações sobre o estudo da Paleografia em Portugal, Porto, 1967
- "- Paleografia portuguesa. Ensaio de manual, Porto, Cadernos Portucale, 1987
- "- Santa Cruz de Coimbra na cultura portuguesa da Idade Média, Vol. I: Observações sobre o "Scriptorium" e os estudos claus-trais, Porto, 1964
- DESTREZ, Jean - La pecia dans les manuscrits universitaires du XIII^e et du XIV^e siècle, Paris, Editions Jacques Vautrain, 1935
- DESWARTE, Sylvie - Les enluminures de la Leitura Nova - 1504/1552. Étude sur la culture artistique au Portugal au temps de l'Humanisme. Préface par André Chastel, Paris, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977
- DIAZ, Y DIAZ, Manuel C. - Códices visigóticos en la monarquía leonesa, Leon, Centro de Estudios e Investigación "San Isidro", (C.S.I.C.), 1983
- "- Consideraciones sobre las pizarras visigóticas, in Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Históricas. V. Paleografía y Archivística, Santiago de Compostela, 1975, pp. 23-29
- "- Diplomatica et Sigillographica. Travaux préliminaires... pour une normalisation internationale ... in "Folia Caesar-augustana", 1, 1984
- "- Diplomatica et sigillographica. Travaux préliminaires de la Commission Internationale de Diplomatique et de la Commission Internationale de Sigillographie pour une normalisation internationale des éditions de documents..., in "Folia Caesar-augustana". 1, Catedra "Zurita", Institución "Fernando el Católico" (CSIC), Zaragoza, 1984
- EGRY, Anne - Um estudo de "O Apocalipse de Lorvão" e a sua relação com as ilustrações" e a sua relação com as ilustrações medievais do Apocalipse, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1972

- GARCIA VILLADA, Zacarias - Paleografía española. I. Texto.
II. Álbum, Barcelona, Ed. Albir, 1974
- GENICOT, Luc. Fr. - Paléographie et sciences auxiliaires,
Louvain, Institut Supérieur d'Archéologie et d'Histoire de l'Art,
1975-1976
- GILISSEN, L. - L'expertise des écritures médiévales, Gand,
Éditions Scientifiques, 1973
- "- Prolégomènes à la codicologie, Gand, Éditions Scientifiques, 1977
- GIRY, A. - Manuel de Diplomatique, New York, 1983
- Les très riches heures du Duc de Berry, Avant-propos de Charles Samaran. Introduction et légende de Jean Longnon et Raymond Cazelles, Paris, Musée Condé-Chantilly, ... 1980
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho - Da Diplomática régia à História do Estado dos fins da Idade Média. Um ramo de investigação, in "Revista de História Económica e Social", Lisboa, 1982, pp. 11-25
- MALLON, Jean - De l'écriture. Recueil d'études publiées de 1837 à 1981, Paris, C.N.R.S., 1982
- "- Paléographie Romaine, in "L'Histoire et ses méthodes", Bruges, Gallimard, 1961, pp. 1247-1366
- "- Paléographie Romaine, Madrid, 1952
- "- Panorama actual de la investigación sobre escripturas latinas: perspectivas para el futuro, in "Actas das I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Históricas. V. Paleografía y Archivísticas", Santiago de Compostela, 1975, pp. 15-22
- MARICHALL, Robert - La critique des textes, in "L'Histoire et ses méthodes", Bruges, Gallimard, 1961, pp. 1247-1366
- MARQUES, A. H. de Oliveira - Paleografia e Diplomática, in "Dicionário da História de Portugal", dirg. por Joel Serrão, 2^a ed. Vol. I e III, Porto, Liv. Figueirinhas, 1971
- MENTRÉ, Mireille - Contribución al estudio de la miniatura en León y Castilla en la Alta Edad Media, León, 1976
- MILLARES, Carlo Agostin - Manual de Paleografía Española, 2 vols., Barcelona, 1929
- "- Tratado de Paleografía Española, con la colaboración de José Manuel Ruiz Asencio, 3^a., Madrid, Espasa-Calpa, 1983 (3 vols.)
- MONTERERO Y SIMÓN, Conrado - Apuntes de iniciación a la Paleografía Española de los siglos XII a XVII, 2^a ed., Madrid, 1979
- NUNES, Eduardo Borges - Abreviaturas paleológicas portuguesas, Lisboa, Fac. de Letras, 1981
- "- Álbum de Paleografía Portuguesa, Lisboa, 1969
- "- Varia Paleografia maiora ac minora, in "Portugaliae Historiae", 1, 1973, pp. 223-243
- Palaographie 1981. Colloquium du Comité International de Paléographie, München, 15-18 Septembre 1981, München, Arbeo-Gesell-

schaft, 1983

Paleografía y Diplomática, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1982

PEREIRA, Isafas da Rosa - A "pecia" em manuscritos universitários. Estudo de três códices alcobacenses dos séculos XIII e XIV, in "Anais da Academia Portuguesa da História", Lisboa, II série, 22, 1973, pp. 245-278

PRATESI, Alessandro - Diplomatica in crisi?, in "Miscellanea in memoriam di Giorgio Cencetti", Torino, 1973, pp. 443-455

PROU, Maurice - Manuel de Paléographie latine et française, 3^a ed., Paris, 1910

RIBEIRO, João Pedro - Dissertações chronológicas e críticas, 5 vols., Lisboa, 1810-1836

"- Observações históricas e críticas para servirem de memórias ao sistema da Diplomática Portuguesa, Lisboa, 1798

"- Reflexões históricas e críticas..., 2 vols., Coimbra, 1836

SALVATI, Catello - Paleografia e Diplomatica, Napoli, Liguori Editora, 1978

SANTOS, M^a José Azevedo - Cartulário do mosteiro de S. Paulo de Almaziva, ed. crítica, sep. do "Arquivo Coimbrão", Coimbra, 29, 1981

"- A Paleografia e a História, sep. da "Munda", Coimbra, 6, 1983, pp. 53-59

SARAIWA, José - A data nos documentos portugueses medievais e asturo-leoneses, Sep. da "Revista Portuguesa de História", Coimbra, 2, 1942

TÁVORA, D. Luis Gonzaga de Lencastre e - O estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa, Lisboa, Ministério da Educação, 1983

SCHIAPARELLI, Luigi - Avviamento allo studio delle abbreviature latine nel medioevo, Firenze, Leo S. Olschki Editore, Ristampa, 1977

"- La scrittura latina nell'età romana. Note paleografiche, Torino, Bottega d'Erasmo, 1976

STIENNON, Jacques - Paléographie du Moyen Age, Paris, A. Colin, 1973

TESSIER, Georges - Diplomatique, in "L'Histoire et ses méthodes", Bruges, Gallimard, 1961, pp. 633-676

"- La Diplomatique, "Que sais-je?", nº 536, Paris, P.U.F., 1966

Docente: Prof^a Doutora Susana Oliveira Jorge

1. Introdução: aspectos fundamentais da geografia da Península Ibérica.
 - 1.1. As grandes regiões geográficas peninsulares.
 - 1.2. Conhecimentos sobre a evolução ambiental durante o Pleistoceno e o Holoceno.
2. O Paleolítico.
 - 2.1. Introdução: O Paleolítico na Europa ocidental e na área atlântica de Marrocos - linhas de força.
 - 2.2. O Paleolítico antigo e médio.
 - 2.3. O Paleolítico superior.
 - 2.4. A Arte do Paleolítico superior.
3. O Epipaleolítico-Mesolítico.
 - 3.1. Introdução: O Epipaleolítico-Mesolítico na Europa - linhas de força.
 - 3.2. Três grandes áreas: mediterrânea, atlântica (concheiros portugueses) e cantábrica (Austuriense).
 - 3.3. Problemática da arte levantina.
4. O Neolítico.
 - 4.1. Introdução: O Neolítico da Europa ocidental - linhas de força.
 - 4.2. O Neolítico antigo: os grupos com cerâmicas impressas de filiação circum-mediterrâneo. O problema da antiguidade de um Neolítico sem cerâmicas impressas.
 - 4.3. A afirmação do Neolítico na Península: a Catalunha; Almeria; a Andaluzia; outras regiões peninsulares.
 - 4.4. A fachada atlântica peninsular e as origens do fenômeno megalítico. O megalitismo noutras regiões peninsulares: o Sudoeste; o Noroeste; a Meseta Norte.
5. O Calcolítico:
 - 5.1. Introdução: as origens da metalurgia na Europa ocidental - linhas de força.
 - 5.2. O Sudoeste: Los Millares e a Andaluzia oriental.
 - 5.3. O Sudoeste: Andaluzia ocidental, SW de Portugal; Estremadura espanhola, Alto Alentejo.
- 5.4. Estuário do Tejo.
- 5.5. Norte de Portugal e Meseta Norte.
- 5.6. O fenômeno campaniforme: o campaniforme "internacional" e os diversos grupos regionais.
6. A Idade do Bronze.
 - 6.1. A Idade do Bronze na Europa ocidental - linhas de força.
 - 6.2. O Bronze antigo. Os grupos de "tradição campaniforme"

(Meseta, Catalunha, Ocidente peninsular). O Sudoeste: o nascimento da cultura de El Argar. O Levante: as origens do "Bronze valenciano".

6.3. O Bronze médio. O desenvolvimento da cultura de El Argar. A Meseta Norte: influências argáricas e atlânticas; gênese da cultura de "Las Cogotas I". O Noroeste. O Sudoeste. A Cultura de Las Motillas; o Bronze valenciano.

6.4. O Bronze final. O Noroeste e o "Bronze Atlântico". O Sudoeste - relações atlânticas e mediterrânicas. A Meseta e a afirmação de Las Cogotas I. A Catalunha e os "campos de urnas". A transição para a Idade do Ferro.

7. Conclusão: Elementos originais, elementos de aculturação e influências externas na Pré-história ibérica. A Península ibérica na encruzilhada dos mundos atlânticos e mediterrânicos durante a Pré-história.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

A maior parte das fontes bibliográficas desta cadeira é constituída não por livros gerais, mas por artigos publicados em diversas revistas, os quais serão objecto de textos de apoio. Para não tornar a bibliografia demasiado extensa, limitamo-nos à indicação de algumas obras gerais que podem ser úteis aos alunos:

JORGE, Vitor Oliveira - Projectar o Passado, Lisboa, Ed. Presença, 1987

SANTOS, M. Farinha dos - Pré-história de Portugal, 3^a ed., Lisboa, Ed. Verbo, 1985

SAVORY, H. N. - Espanha e Portugal, 2^a ed., Lisboa, Ed. Verbo, s.d.

AA. VV. - Revista Arqueologia, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 17 volumes publicados desde 1980

"- Manual de História Universal, vol. I - Prehistoria, Madrid, Ed. Najera, 1983

"- História de Portugal, vol. I, Lisboa, Ed. Alfa, 1983

Nota: Aconselha-se ainda a consulta da obra seguinte:

JORGE, Susana Oliveira - Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar, 3 vols., Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 1986

Docente: Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva

1. Introdução.
2. Metodologia Geral.
- 2.1. Fontes e bibliografia.
- 2.2. Conceitos.
- 2.3. Tipologias e cronologias.
3. Quadro Geral da Proto-História Europeia.
4. A Proto-História Peninsular.
 - 4.1. Quadros cronológicos, áreas e sequências culturais.
 - 4.2. O Bronze atlântico.
 - 4.3. A 1^a idade do Ferro.
 - 4.4. A 2^a idade do Ferro.
5. A cultura Castreja do Noroeste Peninsular.
 - 5.1. Habitat e cronologias.
 - 5.2. Economia e ergologia.
 - 5.3. Organização da Sociedade.
6. Conclusão.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- ALMAGRO-GORBEA, M. - El Bronce final y el Período Orientalizante en Estremadura, Madrid, 1977
- BAROJA, J. C. - Los Pueblos de España, Barcelona, 1946 (reed. Istmo, Fundamentos, Madrid, 1976)
- BOSCH-GIMPERA, P. - Prehistoria de Europa, Colegio Universitario, Istmo, Madrid, 1975
- CABO, A.; VIGIL, M. - Condicionamientos Geográficos - Edad Antiga, 2^a ed., Alianza, Alfaguara, Madrid, 1975
- COFFYN, A. - La fin de L'Âge du bronze dans le centre-Portugal, "O Arqueólogo Português", Série IV, 1, 1983, p.169-196
"- Le Bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique, Paris, 1985
- DECHELETTE, J. - Manuel D'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine, Paris, 1910-14 (2^a ed., 1927-28)
- GUILAINE, J., dir. - La Préhistoire Française, II, CNRS, Paris, 1976 (vários autores)
- HUBERT, H. - Les Celtes et la Civilisation Celtique, Albin Michel, L'Évolution de l'Humanité, Paris, 1974 (1^a ed., 1932)
- KALB, Ph. - Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, "Germania", 58, 1980, p. 25-29
- LAET, S. J. - La Préhistoire de l'Europe, Bruxelas, 1967
- LÓPEZ-CUEVILLAS, F. - La Civilización Celta en Galicia, Santiago de Compostela, 1953

- MILLOTTE, J.-P. - Précis de Protohistoire Européenne, Armand Colin, Paris, 1970
- PIDAL, R. M. dir. - História de España, 3^a ed., I, 2, 1975, I, 3, 1976, Madrid, Espasa-Calpe, 1975 (vários autores)
- PIGOTT, S. - A Europa Antiga, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981
- SANTA OLALLA, J. M. - Esquema Paleontológico de la Península Ibérica, Madrid, 1946
- SAVORY, H. N. - Espanha e Portugal, Historia Mundi, Lisboa, Verbo, 1969
- SCHUBART, H. - Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel, Madrider Forschungen 9, 1975
- SCHULE, W. - Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel, Madrider Forschungen 3, Berlin, 1969
- SCHULTEN, A.; GROSSE, R. - Fontes Hispaniae Antiquae, Barcelona, 1922-1959 (9 Vols., 7^a não publicado)
- SILVA, A. C. F. - A Idade dos Metais em Portugal, "História de Portugal", fas. 82, 83, 84, Lisboa, Alfa, 1984
- "- A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira, 1986
- TRANOY, A. - La Galice Romaine, Paris, 1981
- VASCONCELOS, J. L. - Religiões da Lusitânia, 3 vols. Lisboa, Imprensa Nacional, 1980 (1^a ed. 1897-1913)
- Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Porto, 1983), "Portugália", Nova Série, 4-5. Porto, 1983-84 (vários autores)
- Estudos de Cultura Castreja e de História Antiga de Galicia, Universidade de Santiago de Compostela, 1983 (vários autores)

Docentes: Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem
Dr. M. Fernanda Mendes Ferreira Santos

I. Introdução

1. Da noção de "Idade Média". A periodização da História Medieval.

2. O fim do Mundo Antigo (breve panorama).

II. A "1ª Idade Média" (Sécs. V - X)

1. Economias e sociedades rurais.

2. A vida urbana.

3. Moeda e economia de trocas.

4. Estruturas políticas.

4.1. Os primeiros Reinos Bárbaros.

4.2. A "construção carolíngia".

4.3. Reinos e principados (sécs. IX-X)

III. O "Apogeu" (sccs. XI-XIII)

1. Que há de novo no século XI?

2. Economias e sociedades.

2.1. O meio social: do senhorio fundiário ao castelo.

2.2. O meio regional: a vida urbana.

2.3. O meio inter-regional: do comércio à moeda.

2.4. Os grupos e as relações sociais: da trifuncionalidade social aos grupos sociais; relações de conflito e relações de colaboração social.

3. Império, Papado, Monarquias...

3.1. O Papado e o Império Germânico.

3.2. As "monarquias feudais".

3.3. Poder e poderes: da Cristandade ao Poder Feudal; a Paz.

IV. Conclusão - A "Idade Média tardia" (sécs. XIV-XV): Outono ou Primavera?

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

I. Manuais

FONSECA, Luís Adão da - La Cristiandad Medieval, t.V de "Historia Universal", Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, S.A., 1984

FOURQUIN, Guy - Histoire économique de l'Occident Médiéval, Paris, Armand Colin, 1969 (coll. "U" - série "Histoire Médiéval") (trad. port. - Lisboa, Edições 70, 1986)

PACAUT, Marcel - Les Structures politiques de l'Occident Médiéval, Col. "U" - Série "Histoire Médiévale", Paris, Armand Colin, 1969

2. Outras obras de consulta imprescindível:

DUBY, Georges - Guerriers et paysans. VII - XIIe siècle.
Premier essor de l'économie européenne, "Bibliothèque des Histoires",
Paris, Gallimard, 1973 (Trad. port., Lisboa, Editorial Estampa,
1980)

FAVIER, Jean - Philippe le Bel, Paris, Fayard, 1978
FÉDOU, René - L'État au Moyen Âge, Col. SUP, Sect.
L'Historien, nº 28, Paris, P.U.F., 1971

FOURQUIN, Guy - Seigneurie et féodalité au Moyen Âge, Col.
SUP, Sect. L'Historien, nº 2, Paris, P.U.F., 1970 nº2 (Trad. port.,
Lisboa, Edições, 70, 1978)

LOPEZ, Roberto S. - La Révolution commerciale dans l'Europe
médiévale, Col. "Historique", Paris, Aubier Montaigne, 1974 (Trad.
port., Lisboa, Editorial Presença 1986)

STRAYER, Joseph - On the Medieval Origins of the Modern
State, Princeton - New Jersey, Princeton University Press, 1970
[Trad. port. - Lisboa, Gradiva, s. d. (1986)] (Col. "Construir o
Passado", nº9)

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO

Docente: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.
 2. A cidade medieval.
 - 2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.
 - 2.2. Administração municipal durante a Idade Média.
 - 2.3. Vectores de desenvolvimento económico.
 - 2.4. A Cidade e o Termo.
 3. O Porto na época moderna.
 - 3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.
 - 3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.
 4. O Porto no século de Oitocentos.
 - 4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.
 - 4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.
- Sugestões de temas para investigação
- . O Porto e a expansão portuguesa.
 - . Instituições de cultura na cidade.
 - . O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).
 - . Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipalis Portucalensi asservantur..., 5 vols, 1911-1961
Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938

COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2^a edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

Docente: Dr. Agostinho Araújo

1. Problemática de uma ciência jovem.
0. Introdução.
 - 0.1. Historicidade e especificidade da Arte.
 - 0.2. A Arte e a Sociedade, hoje.
 - 0.3. A Sociologia e sua crescente subespecialização.
1. Evolução da estética sociológica.
 - 1.1. Um precursor: Diderot.
 - 1.2. Os fundadores da Sociologia Geral perante a actividade artística.
 - 1.3. Tentativas de enfoques sociológicos de alguns críticos e filósofos.
 - 1.3.1. H. Taine.
 - 1.3.2. J. M. Guyau.
 - 1.3.3. Ch. Lalo.
 2. Tendências sociológicas na Historiografia da Arte.
 - 2.1. A Escola de Viena (A. Riegl, F. Wickoff, M. Dvorak, H. Sedlmayr).
 - 2.2. Influência da Escola de Viena.
 - 2.2.1. F. Antal.
 - 2.2.2. W. Weisbach.
 - 2.3. Warburg e os seus discípulos.
 - 2.3.1. A. Warburg.
 - 2.3.2. F. Saxl.
 - 2.3.3. O Instituto Warburg.
 - 2.3.4. E. Panofsky.
 - 2.4. W. Benjamin.
 - 2.5. Os marxistas (M. Eaphael, A. Hauser, E. Fischer, N. Hadjinicolaou).
 3. A Sociolo Arte fundada por Pierre Francastel.
 - 3.1. Fundamentação global.
 - 3.2. Conceitos operatórios.
 - 3.3. Programa de pesquisa.
 4. J. Duvignaud: do Teatro até uma "sociologia global do imaginário"
 - III. Amostragem de Análises práticas
 0. Carácter ainda fragmentário dos ensaios "de campo" no domínio da sociologia das artes visuais.
 1. Sociologia das condições sociais de criação.
 - 1.1. Mecenato.
 - 1.2. Programa imposto.
 - 1.3. Responsabilidade político-cultural de Estado.
 - 1.4. Arte oficial.

- 2 Sociologia da criação.
- 2.1. Estatuto social dos artistas.
- 2.2. Organização de trabalho e tipos sociais de artistas.
- 2.3. Os objectos figurativos: ampla exemplificação.
- 3. Sociologia das condições sociais de utência.
- 3.1. Instituições (Galerias, Exposições, Concursos).
- 3.2. Modas.
- 3.3. Meios de publicidade.
- 3.4. Técnicas de reprodução.
- 4. Sociologia da utência.
- 4.1. Colecções.
- 4.2. Frequência de museus.
- 4.3. Consumo de literatura artística.
- 4.4. Níveis de gosto .

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ANTAL, Frederik - Florentine Painting and its Social Background, London, Routledge and Kegan Paul, 1948
- "- Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón, 1978
- BASTIDE, Roger - Arte e Sociedade, 2^a ed., São Paulo, Universidade de São Paulo, 1971
- BAYER, Raymond - História da Estética, Lisboa, Estampa, 1979
- BECKER, Howard - Arte como acção colectiva, in "Uma Teoria da Acção Colectiva", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 205-225
- "- Mundos artísticos e tipos sociais, in "Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da Arte", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 9-26
- BENJAMIN, Walter - A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução, in "Sociologia da Arte - IV", Rio de Janeiro, Zahar, 1969, pp. 15-47
- BERGER, John - Modos de ver, Lisboa, Edições 70, 1982
- BOURDIEU, Pierre - Elementos de una teoría sociológica de la percepción artística, in "Sociología del arte", Buenos Aires, Nueva Visión, 1972, pp. 43-80
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. - L'amour de l'art. Les musées et leur public, Paris, Minuit, 1966
- BREST, J. Romero - El gusto, la moda y el arte visual, in "Colóquio/Artes", Lisboa, 36, Março de 1978, pp. 45-50
- CLARK, Kenneth - Que es una obra maestra?. Barcelona, Icaria, 1980
- CREEDY, Jean - O contexto social da arte, Rio de Janeiro, Zahar, 1975
- DAMISCH, Hubert; DE SETA, C. e outros - Artes/ Artista/ Objecto/ Produção artística/ Atribuição Artesanato, in "Enciclopédia Einaudi", vol. 3, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp.

- DEINHARD, Hanna - Reflections on Art History and Sociology of Art, in "Art Journal", New York, 25 (1), 1975, pp. 29-32
- DIDEROT/FALCONET Le Pour et le Contre, Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1958
- DORFLES, Gillo - Oscilações do gosto, Lisboa, Horizonte, 1974
- "- Símbolo, comunicación y consumo, 2^a ed., Barcelona, Lumen, 1975
- DUFRENNE, Mikel - Art et politique, Paris, Union Générale d'Éditions, 1974
- DUFRENNE, Mikel e outros - A Estética e as Ciências da Arte, 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1982
- DUVIGNAUD, Jean - Problemas de Sociologia da Arte, in "Sociologia da Arte - I", 2^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1971, pp. 23-36
- "- Sociologie de l'Art, Paris, Presses Universitaires de France, 1972
- "- Sociologia da Arte, in "Sociologia" (direc. G. Eisermann), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, pp. 439-474
- ECO, Umberto - A estrutura ausente, 3^a ed., São Paulo, Perspectiva, 1976
- FERRIER, Jean-Louis - La forme et le sens. Éléments pour une sociologie de l'art, Paris, Denoel, 1975
- "- Holbein. Les Ambassadeurs. Anatomie d'un chef-d'œuvre, Paris, Denoel, 1977
- FISCHER, Ernst - A Necessidade da Arte, 9^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983
- FRANCATEL, Galienne - Sociologie de l'Art et notion d'influence: problèmes des finalités, "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire. L'œuvre et l'influence de Pierre Francastel", Paris, Denoel, 1976, pp. 21-28
- FRANCATEL, G.; FRANCATEL, P. - Le Portrait - 50 siècles d'humanisme en peinture, Paris, Hachette, 1969
- FRANCATEL, Pierre - L'impressionisme, 2^a ed., Paris, Denoel, 1974
- "- Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984
- "- Histoire de la Peinture Française, 3^a ed., 2 vols., Paris, Gouthier, 1971
- "- Problèmes de la sociologie de l'art, "Traité de Sociologie" (direc. G. Gurvitch), 2^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963, vol. II, p. 278-296
- "- L'Esthétique des Lumières, in "Utopie et institutions au XVIII^e siècle. Le pragmatisme des Lumières", Paris - La Haye, Mouton, 1963 (Actes du Colloque de Nancy, 1959, École Pratique des Hautes Études), pp. 331-357

- "- A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte, São Paulo, Perspectiva, 1982
- "- L'image, la vision et l'imagination, Paris, Denoel, 1983
- "- Études de Sociologie de l'Art. Crédit picturale et société, Paris, Denoel, 1970
- FRANÇA, José Augusto - Prefácio, a "Arte e Técnica nos séculos XIX e XXIII" (de P. Francastel), Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 5-14
- "- Lisboa, Pombalina e o Iluminismo, 2^a ed., Lisboa, Bertrand, 1977
- "- Le "fait artistique" dans la sociologie de l'art, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire" (cf. supra), pp. 127-136
- "- Sobre História (Sociológica) da Arte, Lisboa, 1981, sep. de "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras"
- "- Temas de história e de sociologia da arte, in "Quinhentos Folhetins", I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 73-93
- FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
- GUYAU, J. M. - L'art au point de vue sociologique, 9^a ed., Paris, Félix Alcan, 1912
- HADJINICOLAOU, Icos - L'object de la discipline de l'Histoire de l'Art et le temps de l'Histoire des Arts, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation..." (vd. supra), pp. 41-53
- "- História da Arte e movimentos sociais, Lisboa, Edições 70, 1978
- "- La producción artística frente a sus significados, Mexico, Siglo Veintiuno, 1981
- HAUSER, Arnold - Historia Social de la Literatura y el Arte, 3 vols., 4^a ed., Madrid, Guadarrama, 1969
- "- Sociología del Arte, 5 vols., Madrid, Guadarrama, 1975-1977
- "- Teorias da Arte, 2^a ed., Lisboa, Presença, 1978
- "- A Arte e a Sociedade, Lisboa, Presença, 1984
- HUISMAN, Denis - A Estética, Lisboa, Edições 70, s.d.
- KONDER, Leandro - Os marxistas e a arte, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967
- LALO, Charles - L'Art et la vie sociale, Paris, Gaston Doin, 1921
- MANDROUX-FRANÇA, M.-T. - Information et "Mass-Media" au XVIIIe Siècle: la diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal, Braga, 1974, sep. de "Bracara Augusta", XXVII
- MARX, K.; ENGELS, F. - Sobre Literatura e Arte, 3^a ed., Lisboa, Estampa, 1975

Docentes: Dr. Agostinho Araújo
Dr. António Cardoso

1. O neoclassicismo:

Influências inglesa, italiana e francesa na arquitectura. O escultor João José de Aguiar. A pintura: Vieira Portuense; Domingos António de Sequeira; a oficina do Palácio da Ajuda; a "Escola do Porto" (José Teixeira Barreto, Joaquim Rafael, João Baptista Ribeiro). Artes decorativas. Alguns colecionadores.

2. A escultura naturalista:

Soares dos Reis: o romantismo e o realismo. Simões de Almeida e Texeira Lopes: o triunfo do naturalismo. A longa sobrevivência desta estética nas escolas de Lisboa e Porto e no gosto dominante.

3. Arquitectura e urbanismo:

A arquitectura do ferro. Engenheiros e arquitectos. Do eclectismo à "arte nova", ao movimento moderno. Os anos 30/40. A arquitectura do Estado novo. Tendências da arquitectura contemporânea.

4. A Pintura:

Do Romantismo ao Naturalismo. Da "possibilidade" romântica ao Naturalismo de Marques de Oliveira e Silva Porto. Henrique Pousão e a hipótese impressionista. O naturalismo epigonal. António Carneiro entre o naturalismo, o simbolismo e o expressionismo. Columbano e Malhoa ou "A Cidade e as Serras". O Modernismo Português. Rupturas, equívocos e tendências. Amadeo de Souza-Cardoso, o parêntesis e os novos caminhos do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

CARVALHO, Ayres de - Os três arquitectos da Ajuda, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1979

CHICÓ, Mario Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira e outros - Dicionário da Pintura Universal, vol. III ("Pintura Portuguesa"), Lisboa, Estúdios Cor, 1973

COSTA, Luís Xavier da - Domingos António de Sequeira. Notícia biográfica, Lisboa, Amigos do Museu, 1939

FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no século XIX, 2^a ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981

"- El siglo XIX, in "Summa Artis", vol. XXX ("Arte Português"), Madrid, Espasa-Calpe, 1986, pp. 399-482

"- A Arte em Portugal no século XX, Lisboa, Bertrand, 1974

"- Amadeo de Souza-Cardoso, 2^a edição, Lisboa, Inquérito, 1972

"- António Carneiro, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1973

- "- Almada, o Português sem Mestre, Lisboa, Estúdios Cor,
1974
- "- O Modernismo na Arte Portuguesa, Lisboa, Biblioteca
Breve, 1979
- GONÇALVES, Flávio - Um século de Arquitectura e Talha no
noroeste de Portugal. 1750-1850, in "Boletim Cultural" da Câmara
Municipal do Porto, vol. XXXII, 1-2, 1964, pp. 125-184
- MACEDO, Diogo de - Soares dos Reis. Estudo documentado,
Porto, Lopes da Silva, 1945
- SANTOS, Reynaldo dos - Oito Séculos de Arte Portuguesa, 3
vols., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963-1970
- SMITH, Robert C. - The Art of Portugal. 1500-1800,
London/New York, Meredith Press, 1968
- ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, 2 vols.,
Lisboa, Arcádia, 1979

T Í N D I C E

Cultura e Mentalidades na Epoca Medieval	1
História de Arte Medieval Geral	2
História de Arte Medieval em Portugal	3
História Medieval de Portugal	5
Paleografia e Diplomática	7
Pré-História Peninsular	11
Proto-História	13
Sociedade, Economia e Política na Epoca Medieval	15

DISCIPLINAS SO DE OPCÃO

História da Cidade do Porto	1
Sociologia da Arte	2
História da Arte em Portugal	6